

Brasil inicia ciclo de alta de juros na contramão dos EUA, que reduzem taxa pela 1ª vez em 4 anos

Copom eleva a Selic em 0,25 ponto percentual, para 10,75% ao ano, no primeiro aperto monetário desde 2022, e Fed reduz as suas taxas em 0,5 ponto, para o intervalo entre 4,75% e 5%; dólar recua 0,47% e fecha a R\$ 5,46

BRASÍLIA E SÃO PAULO Brasil e EUA iniciaram nesta quarta-feira (18) ciclos opostos de mudança em suas políticas monetárias. Enquanto o Fed (Federal Reserve, banco central americano) realizou o primeiro corte nos juros desde 2020, num afrouxamento de 0,50 ponto após temores de desaceleração do mercado de trabalho americano, o Copom (Comitê de Política Monetária) decidiu elevar a Selic (taxa básica de juros) em 0,25 ponto percentual, citando resiliência da economia brasileira.

As escolhas distintas diminuíram o diferencial de juros entre o Brasil e os EUA, o que pode jogar a favor do real. Nesta quarta, após a decisão do Fed e já com a expectativa de alta da Selic, o dólar fechou em queda de 0,47%, a R\$ 5,46 —na mínima do dia, a moeda chegou a ser cotada a R\$ 5,41.

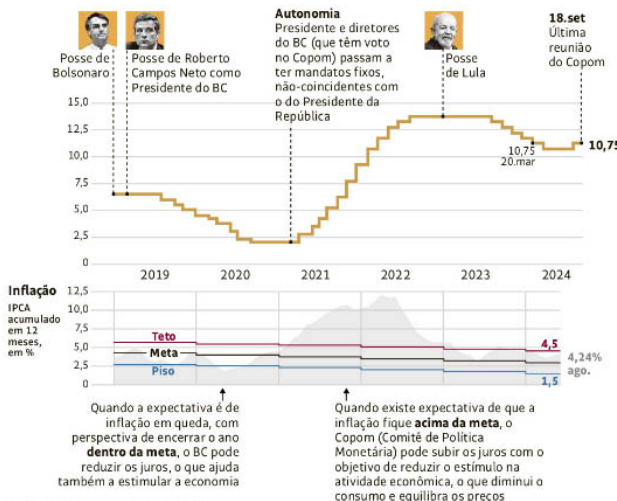
Quando maiores os juros no Brasil e menores nos Estados Unidos, melhor para o real, que se torna mais atraente para investimentos de "carry trade" —isto é, quando investidores tomam empréstimos a taxas baixas e aplicam recursos em moedas de países de taxas altas, para rentabilizar sobre o diferencial de juros.

Por outro lado, a divergência mostra um descompasso entre as duas economias. Nos EUA, a expectativa é de novas quedas, e o Fed fala em confiança no controle da inflação. Já no Brasil, a tendência é que o ciclo de alta continue, com elevação das expectativas de inflação, atividade econômica aquecida e câmbio depreciado ainda no radar dos diretores de política monetária. Ao divulgar sua decisão unânime de aumentar a Selic em 0,25 ponto, para 10,75% ao ano, o Copom afirmou que o cenário demanda uma política de juros mais contracionista, ou seja, que ajude a frear a força da atividade econômica para assegurar o controle da inflação.

Como justificativa, o colegiado

Evolução da taxa básica de juros

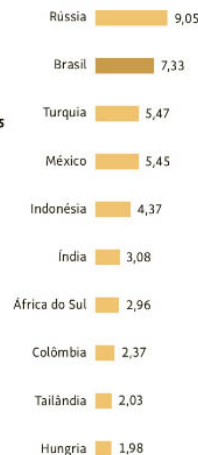
Em % ao ano



Fontes: Banco Central, Bloomberg e IBGE

Brasil sobe para 2º lugar em ranking de juros reais

% ao ano



Fonte: Portal MoneyYou

Brasil passa a ter a 2ª taxa real mais elevada do mundo

O Brasil subiu da 3ª para a 2ª posição no ranking mundial de juros reais, após o aumento da taxa básica para 10,75%.

O juro real no Brasil está em 7,33% ao ano, inferior apenas ao da Rússia (9,05%), segundo ranking do Portal MoneyYou. O país também segue distante da taxa média entre as 40 economias mais relevantes, de 0,63% ao ano.

citou a resiliência da economia brasileira, as pressões do mercado de trabalho, a elevação das projeções de inflação, as expectativas distantes da meta perseguida e o chamado hiato do produto positivo (indicação de que a atividade está operando acima do seu potencial, ou seja, aquecida e sujeita a pressões inflacionárias).

O Copom deixou seus próximos passos em aberto e evitou se comprometer com a intensidade e com o tamanho do ciclo de alta de juros.

"O ritmo de ajustes futuros na taxa de juros e a magnitude total do ciclo ora iniciado serão ditados pelo firme compromisso de convergência da inflação à meta e dependência da evolução da dinâmica da inflação, das proje-

ções de inflação, das expectativas de inflação, do hiato do produto e do balanço de riscos", disse o colegiado do BC em trecho do documento.

No cenário de referência do Copom, as projeções de inflação para este ano subiram de 4,2% para 4,3%, e, para 2025, tiveram alta de 3,6% para 3,7%. A estimativa do indicador para o primeiro trimestre de 2026, horizonte de tempo na mira do BC, situa-se em 3,5% (era de 3,4% em julho).

Em agosto, o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), que mede a inflação oficial do Brasil, desacelerou a 4,24%, após marcar 4,5% até julho. O forte crescimento da economia e a resiliência do mercado de trabalho, citados pelo comitê, podem gerar

pressões inflacionárias.

A meta de inflação perseguida pelo BC é de 3%, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos.

O aumento desta quarta foi o primeiro em mais de dois anos —em agosto de 2022, a taxa subiu de 13,25% para 13,75% ao ano. A Selic ficou um ano parada naquele patamar até o início do processo de flexibilização do aperto monetário em agosto passado.

Ao longo do ciclo de queda, houve recuo de 3,25 pontos percentuais no acumulado, com seis reduções de 0,5 ponto percentual e uma de 0,25 ponto. Depois da sucessão de cortes, foram duas manutenções seguidas, nos encontros de junho e julho.

Continua na pág. A20

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 19